

Processos de Construção do Espartilho Vitoriano: Materiais, modelagens e métodos de construção.

The building processes of a victoria corset: Materials, patterns and sewing methods

Beatriz Silva Mendonça, Agda Carvalho
Universidade Anhembi Morumbi - UAM
Departamento de Design - Bacharelado em Design de Moda
beatrizsmend@gmail.com, agdarcarvalho@gmail

Resumo. A pesquisa observa o espartilho no contexto do século XIX, especificamente o período Vitoriano. Levanta informações sobre a construção desta peça do vestuário, destacando os materiais e os procedimentos da modelagem.


Palavras-chave: Espartilho; Era Vitoriana; Corpo; comportamento.

Abstract. *The research looks at the corset in the context of the nineteenth century, specifically the Victorian age. It raises information on the construction of this piece of clothing, accentuating the materials and procedures of patternmaking.*

Key words: *Corset; Victorian age; Body; Behavior.*

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística
Edição Temática em Cultura e Comportamento
Vol. 7 Nº 6 – (Novembro) de 2019, São Paulo: Centro Universitário Senac
ISSN 2179-474X

Portal da revista: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>
E-mail: revistaic@sp.senac.br

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional 

1.Introdução

Segundo Boucher (2010), o espartilho desaparece brevemente na época da república francesa, mas no começo da era vitoriana ele já havia retornado ao uso por mais de uma década; já estava restabelecido como ordem social e era usado por diversas classes sociais. Além disto, a época também corresponde a um momento pós primeira revolução industrial, que populariza a peça e permite a criação de novos processos de construção, além de aprimorar processos antigos com a utilização de novos materiais, como a barbatana de baleia que é substituída pela de metal, ou os ilhoses costurados à mão, que são substituídos pelos de metal, feitos industrialmente. Esta nova tecnologia tornou o produto mais complexo e importante socialmente (SALEN, 2008, p.8).

A peça se mantém em uso durante todo o século XIX, mesmo que apresentando mudanças tanto na estrutura como nos âmbitos sociais. Uma das grandes diferenças do *corset*¹ vitoriano se comparado a de séculos anteriores, é sua silhueta, que passa a não se concentrar mais num torso artificial, mas em reduzir as medidas da mulher vitoriana. (BOUCHER, 2010, p.335). Para que a peça seja entendida de forma mais contundente, foi feita uma catalogação dos principais métodos de modelagem, materiais e métodos de construção tendo como referência o material de Waugh (1952), Sallen (2007) e o acervo digitalizado do Victoria & Albert Museum. Após este reconhecimento inicial da peça, foi feita uma análise sobre as diferenças dos processos de produção do espartilho na era vitoriana em comparação com épocas anteriores e sobre como o contexto histórico impacta a peça.

2.Materiais na Construção Do Espartilho Vitoriano

A grande diferença nos materiais para elaboração do espartilho vitoriano spam comparação ao dos séculos anteriores reside na industrialização da época. As grandes invenções no quesito de aviamento da era não passam da evolução de materiais já existentes, que são melhorados e barateados. Um dos maiores exemplos disso seria o busk.

Figura 1 - Busk inteiro, sem método de fechamento, feita na Inglaterra.



Fonte: Acervo online do Victoria And Albert Museum.

**Disponível em: < <http://collections.vam.ac.uk/item/O139316/stay-busk-unknown/> >
Acesso em set. De 2018**

¹Os termos corset e espartilho significam a mesma coisa, sendo o primeiro o termo francês do segundo.

O busk é uma das peças mais características do espartilho. Existem evidências de sua existência desde o século XIV, (WAUGH, 1954), mas nesta época ele sempre aparece como uma peça única, sem abertura, com o único intuito de estruturar. Era feito geralmente de madeira e podia, inclusive, apresentar motivos decorativos, cravados na própria estrutura da madeira (Figura1). No século XIX, porém, ele passa a ser um método de fechamento da peça. O busk do século anterior, era constituído por uma peça retangular, inteiriça, mas no século XIX passa a ser aberta no meio, tornando-se uma peça dupla. Esse novo busk é composto por dois lados, um deles tendo rivets (ou rebites de fechamento) e o outro lado tendo laços de metal que se encaixam nos rebites (WAUGH, 1954) (Figura 2).

Figura 2 - imagem de um busk com abertura frontal, onde ficam claro os rebites de fechamento e os laços de metal.



Fonte: Imagem feita pelo autor.

Logo, o corset que antes era posto no corpo apenas pelo sistema de amarração na parte posterior, passa a poder ser fechado também pela frente, pelo busk. Isso torna o corset vitoriano uma peça com dois métodos de fechamento simultâneos. Antes, a peça precisava ser amarrada no corpo do usuário por uma segunda pessoa, que fosse capaz de manipular o cordão e os ilhoses pela parte posterior; mas agora, com o novo modelo de busk, a própria usuária da peça era capaz de pôr e retirar o espartilho sozinha, sem ajuda (SPARKS, 2005, p.12).

Além disso, um modelo específico desta peça se tornaria mais icônico para a época: o spoon busks (Figura 3). Surgido em 1873 (WAUGH, p.83), foi considerado uma opção de busk mais saudável, porque acomodava o estômago ao invés de tentar deixá-lo completamente reto (SPARKS, 2005, p.27). Sua estrutura mostra características próprias: não apenas uma parte inferior mais larga como também uma angularidade, sendo a parte superior inclinada para dentro e a parte inferior projetada para fora (SPARKS, 2005, p.13).

Figura 3 – Detalhe da imagem de um corset para casamento, de 1886. Aqui fica perceptível a curvatura do spoon busk



Fonte: Acervo digital do victoria and albert museum. Disponível em:
<<http://collections.vam.ac.uk/item/O115825/wedding-corset-izod-edwin/>>
Acesso em set. de 2018

O busk vitoriano também é quase sempre feito de metal, já que este material se tornou mais barato na época. Suas pontas tinham acabamentos quadrados ou arredondados e geralmente eram comercializados na era vitoriana em 12 inches (30,5cm) (SPARKS, 2005, p.13).

Alguns busks, ainda, apresentavam um forro que aumentava a rigidez e protegiam-no de entortar ou machucar a pele do usuário, principalmente na área da cintura (SALEN, 2008 p.59).

Figura 4 – Detalhe da imagem de um espartilho de 1700. Aqui fica visível a estrutura com barbatanas e sua posição diagonal na peça



Fonte: Acervo digital do Victoria and Albert Museum. Disponível em:
<<https://collections.vam.ac.uk/item/O355223/stays/>>

Embora relacionemos o espartilho vitoriano com extrema rigidez e desconforto, eles se mostram bem menos estruturados que um espartilho do século anterior, por exemplo, que mostrava longas fileiras de barbatanas, uma do lado da outra, contornando toda a peça em uma posição diagonal (SALEN, 2008, p.17) (Figura 4). Ao contrário deste, o espartilho vitoriano posicionava suas barbatanas em posições mais estratégicas, como nas laterais do corpo, na parte superior entre a fileira de ilhoses e na frente, abaixo dos seios (SALEN, 2008, p.42). Outro ponto importante é que, ao longo do século, o preço da barbatana de baleia aumenta em função de sua alta demanda, o que faz com que o uso desta decaia consideravelmente no século XIX (WAUGH, 1954, p.83). É neste momento que as barbatanas de metal começam a se popularizar.

Isso traz diferentes impactos no corpo, já que a barbatana de baleia, embora muito flexível, não dificilmente quebrava na altura da cintura, com a alta tensão da costura nessa área; já a de metal era muito mais resistente, embora menos flexível. A barbatana de metal também sofre as ações da ferrugem, não somente diminuindo a vida útil da peça como também dificultando seu processo de lavagem.

Na atualidade as barbatanas continuam sendo usadas na produção contemporânea de espartilhos e continuam sendo de metais, embora no modelo espiralado; também recebem um acabamento de galvanoplastia, que impede o material de enferrujar (Berg, pág. 66).

Um método alternativo de estruturação da peça era o cording ou cordoamento (WAUGH, pág.79). Cording era uma técnica que envolvia costurar duas linhas paralelas por cima de duas camadas de tecidos sobrepostos, criando uma espécie de canaleta. Era passado, então, um cordão de algodão por dentro da canaleta, causando estrutura. Ele era mais comum apenas em peças mais baratas e informais, como no espartilho de empregadas, mulheres que viviam em áreas rurais e infantis, mas ao longo do século ele também pode ser visto em peças urbanas (SALLEN, 2008 p.35, 39, 43, 47) (Waugh, 1954, p.80).

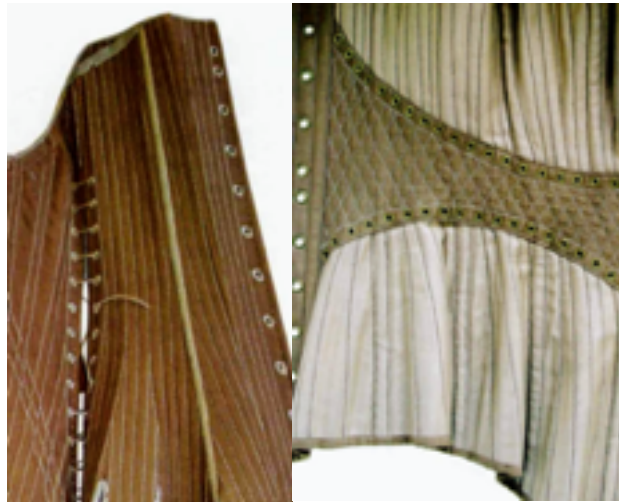
O termo Cording também pode ser usado como efeito decorativo na peça, sendo, neste caso, costurado um cordão por cima do tecido, criando padrões decorativos, como um trapunto² (YOUNG, 2017).

Algumas invenções menores do período são de igual importância para o desenvolvimento do espartilho, como a criação do ilhós³ de metal em 1829. Anteriormente, os ilhoses eram feitos na mão, bordando ao redor de todo o furo com uma linha um pouco mais grossa que a que foi usada no resto da peça (figura 5); mas o novo modelo de metal era mais seguro e rápido de produzir e além de contribuir para o barateamento final da peça, também permitia amarrar o espartilho com mais força (SALEN, 2008, p.8).

²Técnica de bordado que consiste em costurar o contorno de motivos decorativos sobre duas camadas de tecido e depois preencher esses motivos com fibra de algodão, criando relevo.

³Furo ou orifício em uma peça de roupa, usado para passar cordões, fitas ou cadarços. Ele sempre deve ser reforçado, seja por um aro de plástico ou metal, como é feito atualmente, seja por um ponto de costura feito à mão, como era feito antigamente, impedindo desta forma que o tecido ao redor do orifício desfie, danificando a peça.

Figura 5 – Modelos de espartilhos, sendo o primeiro de 1780, onde podemos ver os ilhoses costurados à mão e o segundo, de 1885, com ilhoses de metal.



Fonte: SALEN, 2008, p.19, p.50

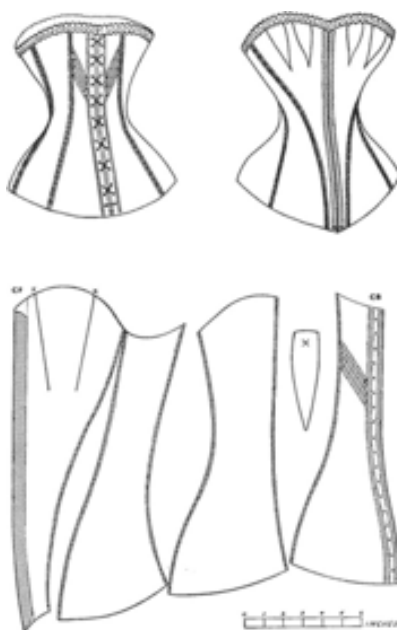
Também nesta época aparecem peças íntimas tingidas com corantes artificiais (MUNTEANU, ano, p.7), embora a grande maioria permanecesse branca (WAUGH, 1954). Na década de 1860, aparece também a técnica *Steam Moulded*, que consistia em, após terminado o processo de construção do espartilho, engomá-lo e pô-lo para secar em um manequim de metal quente (WAUGH, 1954 pág. 79). Já a máquina de costuras, que se tornou extremamente popular no período, acelerou varias etapas do processo de produção, barateou custos, além de permitir que uma dona de casa fosse capaz de confeccionar seu próprio espartilho sozinha, com a ajuda de moldes prontos em revistas. Mas a complexidade (CRANE, 2009). Porém os avanços em materiais e métodos tornaram a construção da peça cada vez mais complexa, e por mais que existisse a possibilidade de ela ser feita em casa, no século XIX passou a ser majoritariamente feita pelos corsetiers, e o mercado da produção de espartilhos que já crescia desde o século passado (WAUGH 1954, pág. 37), mostra um crescimento ainda mais positivo na era vitoriana (CRANE, 2009).

Outro material importante para a evolução dos processos de construção do espartilho seria o tecido *coutil*. Chamado inicialmente *Jean* e feito de algodão, em estrutura de sarja, atualmente ele é comercializado por ser um tecido específico para a construção do espartilho (WAUGH, 1954 p.79, 172).

3.Modelagens do Espartilho Vitoriano

No que diz respeito às modelagens da época, podemos identificar por meio das imagens levantadas uma nova técnica para dar volume: o *gusset*. O *gusset* consistia em inserções de peças triangulares de tecidos em partes estratégicas, como na altura dos seios ou dos quadris. Como a ênfase da silhueta desta época "...não estava num corpo reto e rígido, mas em linhas curvas fluindo de uma cintura pequena" (1954, p.75), essas peças vão surgir justamente para ajudar a criar essa fluidez na peça.

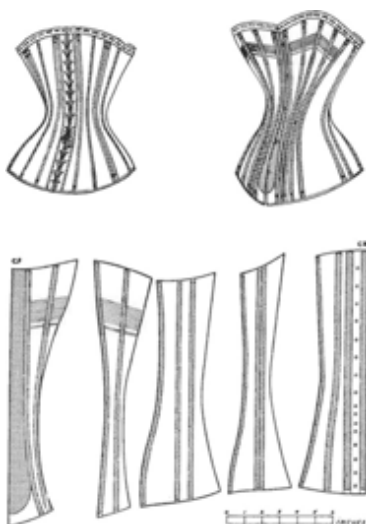
Figura 6 – Modelagem de espartilho de 1800 com inserção de gussets nos seios.



Fonte: WAUGH, 1954, p.77

Os gussets eram inseridos principalmente na área dos seios e dos quadris. Esse aspecto do espartilho vitoriano mostra a preocupação do período em acomodar os seios ao invés de achatá-los. Embora o século anterior já tivesse mostrado uma leve preocupação em dar formato aos seios (SALEN, 2008), é no século XIX que vemos esta preocupação com mais clareza. A parte frontal era aberta na altura dos seios, onde gussets eram inseridos (Figura 6).

Figura 7 - Espartilho da era vitoriana com modelagens curvas, dando formato aos seios



Fonte: WAUGH, 1954, p.81

Ao longo do século, vemos também a própria modelagem procurando acomodar o volume dos seios. As peças que constituíam o corset apresentavam recortes curvos para lados opostos, que, quando cosidos juntos, tomavam um formato abaulado (Figura 7). Essa estrutura se mostra, em certo grau, parecida com a construção de sutiã contemporâneo, com a diferença de que, atualmente, o sutiã contorna o formato dos seios além de aceitar seu volume.

Quando comparamos modelagens de espartilhos do século XVIII com as do século XIX percebemos o quanto a silhueta havia mudado e as consequências disso na construção do espartilho. Um corset da segunda metade de 1700 mostra peças triangulares cortadas no viés, com barbatanas aplicadas na diagonal (SALEN, 2008 p.12, 13 e 17), de fato forçando a silhueta numa espécie de triângulo invertido do busto à cintura. O comprimento da peça ia até o pequeno quadril e mostrava pequenos basques na parte inferior que, ao serem postos ao redor do corpo se abriam, formando uma figura arredondada, e servindo de apoio para a estrutura da saia que dava volume aos quadris (SALEN, 2008 p.17).

Já o espartilho vitoriano mostra peças de modelagem em formatos de ampolhetas, se estreitando na altura da cintura e se expandindo novamente no quadril (WAUGH, 1954, pag 81). O volume na parte inferior era feito pela própria curvatura da modelagem e sua estrutura era feita para ficar por debaixo da estrutura da saia (WAUGH, 1954 pag 80 e 82).

Também é interessante notar a mudança do comprimento do espartilho ao longo do século. No período da república francesa, a peça cobria somente os seios e parte do tórax, acabando antes da cintura (BOUCHER, 2010 p.326). Mas quando o espartilho retorna de fato à moda, o comprimento volta a crescer até o pequeno quadril e vai diminuindo de comprimento até a metade do século, quando a silhueta se concentra na cintura (WAUGH, p.79). Apenas nas últimas décadas do século, com a ascensão da garota Gibson, que o comprimento do espartilho vai expandir até o quadril (WAUGH, 1954 p.84). Os gussets também vão aos poucos desaparecendo, já que a figura em S não demanda uma cintura fina em contrapartida com seios e quadris largos, mas sim uma silhueta curva, com o tronco projetado para a frente e os quadris projetados para trás. Para tanto, são preferidas as modelagens em recortes, que constroem melhor esse tipo de forma. É nesse momento também que as quantidades de peças de modelagem que compõem o espartilho, que já estavam num processo crescente desde o meio do século, aumentam ainda mais. (WAUGH, 1954, p.79).

Outro aspecto interessante do espartilho vitoriano é que ele perde as alças depois da década de 40 (WAUGH, 1954, p.79). Quando analisamos os espartilhos do século anterior ao vitoriano, é claro notar a importância que as alças tinham na estrutura: como essa peça ia até a cintura e seguia uma estrutura mais retilínea, podia escorregar. Já o espartilho vitoriano, que tinha um grande ponto de apoio na cintura, tinha mais facilidade de se manter no lugar e não precisava de alças.

2. Conclusão

A era vitoriana teve grandes impactos na construção de corsets. É notável o desenvolvimento dos processos de criação das modelagens ao longo do período vitoriano. Ao início do século, a peça era feita inteiramente à mão, incluindo os ilhoses para passagem do cordão, enquanto que no final do período, esta peça já era confeccionada de forma industrial, com máquinas de costura e ilhoses de metal, por exemplo.

Além disso, é um momento pós primeira revolução industrial, que permite invenção e comercialização de diversos novos processos que barateiam, facilitam e aceleram a produção de espartilhos, permitindo sua utilização por mais classes sociais em maior frequência. Vários destes materiais continuam sendo usados na contemporaneidade, como por exemplo os ilhoses e a barbatana de metal.

A modelagem deste período também evolui e começa a apresentar semelhanças com o modelo atual de lingerie, mais preocupado com a acomodação do corpo. É um corpo que não tenta manter todo o torso reto, mas se concentra na simulação de uma cintura fina, permitindo modelagens mais inclusivas dos seios e quadris.

3. Referências

BERG, Ana Laura. Corset: Interpretação da Forma e da Construção. 1º Edição. São Paulo: SENAC, 2015.

CRANE, Diane. Moda e Seu Papel Social: Classe, Gênero e Identidade das Roupas. 2º Edição. São Paulo: SENAC, 2006.

HUGHES - Kathryn - Gender Roles in the 19th century. 2014. Disponível em: <<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/gender-roles-in-the-19th-century>>. Acessado em: 20 de jul.

KYOTO COSTUME INSTITUTE – Digital Archive. Disponível em: <http://www.kci.or.jp/en/archives/digital_archives/>. Acesso em: 20 Set. 2018

MARSH - Jan - Gender Ideology & Separated Spheres In The 19th Century. Disponível em: <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/g/gender-ideology-and-separate-spheres-19th-century/>>. Acessado em 20 de jul.

SALEN, Jill. Corset: Historical Patterns And Techniques. nova Iorque: Costume and Fashion PR, 2007.

SCARLETT – How To Make A Corset With Cording. Disponível em: <<https://www.corsettraining.net/how-to-make-a-corset-with-cording/>>. Acessado em: 06 de ago.

STEELE, Valerie. The Corset: A Corset history. Connecticut: Yale University Press, 2003.

The Metropolitan Museum Of Art - Collections. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection#!?q=corset&perPage=20&sortBy=Relevance&sortOrder=asc&offset=0&pageSize=0>>. Acesso em: 25 Fev. 2018

VICTORIA AND ALBERT MUSEUS – DIGITAL ARCHIVE. Disponível em: <<https://collections.vam.ac.uk/category/fashion/THES48957/>>. Acesso em: 13 Set 2018

WAUGH, Norah. Corsets And Crinolines. Londres: Routledge, 1954.

YOUNG, Justine De - 1867 - White Pique Afternoon Dress With Black Cording. 2018.
Disponível em: <<https://fashionhistory.fitnyc.edu/1867-white-afternoon-dress/>>.
Acessado em: 29 de ago de 2018.